

# **SILVIA LANE: CAMINHOS DE UMA PIONEIRA**

*Fernando L. González Rey*  
(UAM; UNB; Uniceub)

## **Introdução**

Gostaria de começar o presente capítulo agradecendo à professora Bader Sawaia pelo convite para participar deste livro, reconhecendo-me como uma das pessoas que teve uma relação de amizade com Silvia Lane, constituindo-me parte dos caminhos percorridos por ela, tanto em sua vida científica, como profissional. A professora Bader tem mantido um interesse em conservar viva a memória de Silvia Lane e em avançar teoricamente no que foi o seu pensamento, algo que fica muito claro em seu importante livro dedicado à sua mestra, no volume 8 da série *Pioneiros da Psicologia Brasileira*, lançada pelo Conselho Federal de Psicologia no ano de 2001.

No presente capítulo, apresentarei a sequência de minha relação pessoal e teórica com Silvia Lane e, ao mesmo tempo, pretendo estender-me no desenvolvimento de seu pensamento teórico, pois sua obra constituiu, como acontece com a maior parte dos criadores, um sistema vivo de pensamento, no qual diversos momentos podem ser identificados, algo que a professora Sawaia (2001) nos adianta no livro anteriormente referido. Também, busco estender-me em algumas das facetas de Silvia como pessoa e em aspectos de uma memória partilhada de atividades dentro do movimento da psicologia social crítica na América Latina. Esse movimento teve seu centro gravitacional na América Central

e no Caribe, entretanto, ele contou com a participação de psicólogos de todo o continente, dentre os quais, Silvia destacava-se pelo protagonismo na psicologia social crítica no Brasil.

Na trajetória de Silvia Lane, destacam-se quatro aspectos centrais: *primeiro*, sua constante busca por novos caminhos, mantendo uma linha de pensamento original que foi sendo desenvolvida através do diálogo com autores diversos, sem se esgotar em nenhum deles; *segundo*, sua orientação crítica a uma psicologia social hegemônica separada dos problemas dos países de América Latina; *terceiro*, a criação de um núcleo próprio de produção teórica e de pesquisa, ao redor do qual se formou um importante e produtivo grupo de alunos de doutorado, cujas pesquisas nutriam as produções teóricas do grupo. Por fim, o *quarto aspecto* foi a sua vocação latino-americana, em um momento histórico em que a psicologia brasileira tinha ainda muito pouca presença na América Latina.

Sobre esses quatro aspectos que a distinguiram e considerando os diferentes momentos de nossos encontros – sempre polêmicos, mas cheios de uma amizade que nunca se debilitou por nossas diferenças –, tentarei sistematizar minhas lembranças sobre a história percorrida por essa destacada autora da psicologia latino-americana e brasileira.

De modo geral, acredito que a organização do presente livro representa uma necessidade para uma psicologia que, com frequência, na procura por novidade e impacto a partir de critérios baseados na produtividade científica, termina se esquecendo de sua história. Nesse caso, devemos lembrar que a história é essencial para o desenvolvimento de teorias em processo, cuja identidade só pode ser sustentada por meio de pesquisas e trabalhos teóricos que mantenham o diálogo com questões desenvolvidas antes. Nesse processo, novos caminhos e construções teóricas vão emergindo, no intuito de alcançar o desenvolvimento da teoria – máxima aspiração que uma linha de pesquisa pode ter e que ainda se encontra tão pouco presente na psicologia latino-americana.

Uma característica do pensamento colonizado é o desconhecimento das figuras próprias, valorizando apenas o que nos chega de fora. Sem história, porém, não existiram linhas de pesquisa nem tradições de pensamento, como claramente se expressa nos países produtores de teorias. O homem inscrito numa história é sempre mais forte que aquele que pretende avançar sozinho, que termina por desconhecer tanto o que lhe antecedeu, o referencial em que se formou, como a presença disso

em seu pensamento atual. O individualismo dominante na subjetividade social das sociedades nesse momento de hegemonia do capitalismo financeiro especulativo e corrupto é ainda mais perverso nos países onde a colonização teve um conjunto de efeitos colaterais importantes e continua sendo parte da subjetividade social dominante até hoje, como é o caso dos nossos países da América Latina. Particularmente no Brasil, o coronelismo marca uma forma muito peculiar de preservação do contraste entre exclusão e opulência que caracterizou a colonização.

Na América Latina, as histórias com frequência perdem-se como se fossem mercadorias descartáveis que pertencem ao passado, algo que não ocorre nos centros que marcam os desenvolvimentos da ciência no mundo atual, nos quais seus pioneiros são permanentemente reinterpretados e considerados em aspectos de seu pensamento sobre os quais nem eles mesmos tinham consciência teórica. Ter e reconhecer pioneiros em determinado caminho é essencial para conservar sua história e a própria identidade, bases sobre as quais novos aportes se erigem e novos caminhos se desenvolvem. Não podemos ter ciúmes pelos que nos precederam, mas orgulho.

Silvia Lane é uma pioneira, porém, a linha em desenvolvimento que ajudou a criar na psicologia brasileira perdeu parte de sua vitalidade em meio à fragmentação que caracterizou o desenvolvimento dos diferentes temas que nessa linha se inter-relacionavam. Nesse sentido, após o falecimento da autora e mediante tal fragmentação, perdeu-se, em certo sentido, a noção de “equipe de pesquisa”, à qual ela tanto contribuiu. Confio no valor deste livro para a restauração de uma memória que não é passado, mas parte dos desafios presentes na psicologia brasileira.

### **Os anos oitenta e meus múltiplos encontros com Silvia Lane**

Em 1982, sendo decano da Faculdade de Psicologia da Universidade da Havana, recebi duas professoras brasileiras que desejavam conhecer o que se estava fazendo na psicologia cubana. Foi assim que Silvia e sua amiga e colega Maria do Carmo Guedes visitaram a Faculdade de Psicologia, momento em que já tivemos um interessante intercâmbio de pontos de vista. Desse encontro, surgiu minha primeira publicação no Brasil, que foi um capítulo sobre a categoria “personalidade”

na psicologia marxista, publicado pela Educ - Editora da PUC de São Paulo, em um livro coordenado por Maria do Carmo Guedes sobre História da Psicologia. Uma lembrança daquele primeiro encontro foi que Silvia ficou bem surpresa pelas novas aproximações ao tema da personalidade na psicologia soviética. Este seria um tema permanente de discussão em nossos diferentes encontros a partir daquele momento.

Silvia teve uma formação em psicologia experimental e uma relação com a obra de Skinner que, unido ao papel determinante atribuído à atividade com objetos pelo psicólogo soviético A. N. Leontiev (grande referente da psicologia marxista naquele momento no Brasil), a influenciou fortemente em sua ênfase no social. Nesse mesmo sentido, ela também expressava suspeitas em relação à categoria “personalidade”, no sentido de pensá-la como um remanescente de uma psicologia individualista, algo que foi muito comum ao grupo que nos uniu, dentro do conjunto de autores latino-americanos que, no início dos anos oitenta, avançou no desenvolvimento de uma psicologia social crítica. Por sua vez, esse movimento foi gestor de uma psicologia política, em função da presença necessária que o político deveria ter em qualquer psicologia que se declarasse crítica naquele momento convulso que vivia a América Latina, marcada de forma muito especial pelos acontecimentos da América Central, em que três violentos movimentos guerrilheiros (Nicarágua, El Salvador e Guatemala) geraram uma situação social atravessada por múltiplas formas de violência, que expressaram tensões sociais ocultas que cruzavam a história desses países.

Entretanto, nesse movimento da psicologia social crítica, também foi gerado um interesse pelo tema da personalidade, na perspectiva que naquele momento eu o desenvolvia. Diferentemente das aproximações hegemônicas no campo da psicologia ao tema, eu buscava novas possibilidades teóricas a partir de uma fundamentação marxista que destacava a sua gênese social e histórica e que tinha importantes antecedentes no uso do termo tanto por Vygotsky, como por sua discípula Bozhovich na psicologia soviética.

Diante da situação política da América Latina na época, a ênfase no social tornava-se um aspecto central para o desenvolvimento dos enfoques críticos da psicologia. Esse processo não se dava de forma isolada no âmbito mundial, mas afinava-se às críticas surgidas dentro da psicologia social em diversas partes do mundo, tais como nos trabalhos

do laboratório de psicologia social da Universidade Paris VII (Bruno, Pecheaux, entre outros), nos trabalhos da psicologia social crítica europeia nos anos oitenta (Parker, Shotter, entre outros) e nos trabalhos resultantes da entrada da psicologia soviética por diversas vias na América Latina.

Desse modo, o movimento social crítico que nesses anos se desenvolvia na América Latina foi se integrando através de posicionamentos teóricos muito diferentes, que iam desde posições da cognição social até o uso das teorias clássicas da psicologia social influenciadas pelo marxismo. Apesar das diferenças que mantínhamos, o que nos aproximava naquele momento era uma vocação crítica e a disposição para fazer da psicologia uma ferramenta de mudança social em nossos países, muito embora vivendo realidades sociais diferentes. Foi um processo muito bonito de aproximação e diálogo por meio das nossas diferenças, o que nos foi permitindo desenvolver focos compartilhados que sustentaram as nossas primeiras obras.

Esse movimento social crítico da psicologia latino-americana teve como “sede” a Venezuela, o que foi favorecido por vários fatores:

- *Primeiramente*, a existência de um forte núcleo de psicólogos sociais com posicionamentos críticos, entre os que se destacaram, de forma especial, Jose Miguel Salazar e Maritza Montero. Esses autores construíram fortes posições institucionais na época no Instituto de Psicologia da Universidade Central da Venezuela, apoiando economicamente e de modo organizado os encontros e os cursos que permitiam um aprofundamento no conhecimento recíproco de nossos posicionamentos teóricos, assim como também permitiram algo essencial para esse tipo de movimento: o estreitamento de nossas relações pessoais – o que não foi difícil, devido aos valores e às posições políticas que compartilhávamos. Esse processo foi decisivo para os projetos de publicações conjuntas que deram visibilidade ao grupo nos anos oitenta. Unido a isso, o desenvolvimento da psicologia social em Caracas tinha uma vitalidade maior que no resto dos países de América Latina, contando não somente com um elevando número de autores que já se destacavam na região (M. A. Banchs, E. Sánchez, E. Wiesenfeld, J. M. Cadenas,

entre outros), mas também com uma forte associação de psicólogos sociais, que sobrevive até hoje, a Avepsa (Asociación Venezuelana de Psicología Social), que foi fonte de inspiração para o surgimento de outras associações de psicologia social no continente.

- Em segundo lugar, Caracas tinha uma posição geográfica privilegiada, localizada no centro da América Latina, além de também contar com a melhor situação econômica naquele momento em relação aos demais países. Lembro-me, por exemplo, que, na primeira vez que visitei Caracas para ministrar uma série de conferências, em 1982, a moeda local, o Bolívar, estava em uma relação de 5 para 1 com o dólar.
- *Em terceiro lugar*, o Congresso Interamericano de Psicologia foi realizado em Caracas em 1985. Nesse momento, todo esse movimento de encontros e de reflexão conjunta entre psicólogos que delimitou aquele grupo informal de trabalho com um posicionamento crítico gerou as condições para que esse congresso se transformasse em um giro político na direção da Sociedade Interamericana de Psicologia, além de um impulso muito forte às posições que defendíamos em nível continental.

No Congresso de Caracas, tive oportunidade de conversar muito com Silvia novamente. Estivemos juntos em diferentes reuniões informais, das quais participávamos todos os psicólogos já mencionados antes. Nessas reuniões, integraram-se as psicólogas chilenas, Juana Kovalskys e Elizabeth Lira, que tinham interessantes trabalhos sobre a repressão às vítimas de tortura no Chile, algo que foi de grande interesse para o grupo e especialmente para Silvia, pela situação vivida pelo Brasil durante a ditadura militar. A partir dessas reuniões, foi acordada a publicação do primeiro livro do grupo que teve importante impacto na América Latina, *Psicología política latino-americana*, coordenado por Maritza Montero, e do qual participamos Ignacio Martín-Baró, Pablo Fernández Christlieb, Juana Kovalskys, Elizabeth Lira, Angel Fernández Kauth, José Miguel Salazar, Eugenia Weinstein, Wanderley Codo e eu (González Rey). Nessa ocasião, Silvia não participou do livro, pois entendeu que o trabalho de seu doutorando Codo (1987), cuja discussão resultou muito interessante para todos nós, era idôneo para o tipo de livro que se estava gestando.

Essa atitude de Silvia revela algo que a caracterizou com muita força: seu desprendimento intelectual e a promoção e o apoio a seus discípulos, com os quais escreveu múltiplos trabalhos conjuntos.

Como já foi dito anteriormente, desde os finais dos anos setenta, Silvia foi muito influenciada pela obra do psicólogo soviético Leontiev, que, na época, aparecia nos países de América Latina como o seguidor de Vygotsky, por excelência. Porém, no Brasil, a obra de Leontiev entrou antes que a de Vygotsky, de modo que, já desde essa época, Silvia e seu grupo trabalhavam os textos desse autor russo. De fato, o destaque dado por Leontiev à atividade com objetos materiais externos como o fundamento das operações psicológicas representou uma referência teórica fértil para a visão defendida por Silvia sobre o caráter social do psiquismo humano, princípio partilhado por todos nós, mas compreendido de formas diferentes pelos autores que formavam parte daquele grupo crítico da psicologia social.

### **Posições teóricas dominantes de Silvia Lane nos anos oitenta**

Para Silvia Lane, o social determinava os processos psíquicos da pessoa e, ainda que, desde muito cedo, se posicionasse favoravelmente em relação à necessidade da integração dialética, tanto entre o subjetivo e o objetivo, como entre o social e o individual, não foi antes do final dos anos oitenta, após o trabalho de doutorado de Sawaia (1987), que Silvia atribuiu um lugar central ao tema das emoções na obra de Vygotsky. Esse giro nos posicionamentos de Lane a partir do trabalho de Sawaia fica explícito na seguinte citação:

A autora observou [refere-se a Sawaia], porém, que quando essas mulheres conversavam entre si, enquanto trabalhavam, esses mesmos fatos relatados eram lembrados, enfatizando as emoções sentidas – “Que alegria”, “Que raiva”, “Que decepção” eram expressões constantes. Percebemos, então, quanto a expressão das emoções era algo que não se contava aos outros ou que só tinha sentido para aqueles que viveram as mesmas situações. E nos questionamos quanto o esconder as emoções não seria ideológico. (Lane, 1994, p. 56)

A tese de Sawaia, unida ao aprofundamento nos trabalhos de Vygotsky que, já nessa época, fazia-se fortemente presente no grupo, inspirou a integração do tema da consciência e das emoções como o núcleo teórico que irá caracterizar os trabalhos de Silvia nos anos noventa, momento que será analisado no próximo tópico deste trabalho. Ao longo dos anos setenta, Silvia ainda defendia uma visão do social como responsável direto pelos processos psíquicos. Nesse sentido, ela utilizava o termo identidade com o objetivo de se afastar dos conceitos referentes ao indivíduo, os quais, não sem razão, associava a uma psicologia idealista-individualista. No entanto, naquele momento, Silvia não tinha se aprofundado nas novas leituras disponíveis, tanto de Vygotsky, como de outros autores latino-americanos, como Martin Baró, para os quais a integração de conceitos-chave da psicologia, definidos a partir de sua gênese social e histórica, era uma necessidade importante para o desenvolvimento de uma nova psicologia.

Esse posicionamento da autora, em relação a um certo determinismo social, posteriormente criticado por ela, ainda é forte no princípio dos anos noventa, coexistindo já com sua nova orientação aos temas das emoções, da criatividade e da singularidade. Referindo-se à tese de Ciampa sobre identidade, que foi o trabalho fundador sobre o lugar da identidade no escopo de conceitos da psicologia social, Silvia escreveu:

Nossas investigações nos levaram, porém, a algumas reformulações. A primeira delas emergiu em várias pesquisas que apontavam para a Identidade como uma categoria, a qual culminou com o estudo de Antonio C. Ciampa (1987). Este, mediante a análise dialética de uma história de vida (Severina), constata que a Identidade Social se constitui num processo de metamorfose/cristalização do Eu decorrente do conjunto das relações sociais vividas pelo sujeito. Ciampa também aponta para a necessidade social das instituições darem espaços para o desempenho de novos papéis menos rígidos que permitam a inovação da identidade. (Ibid., p. 56)

É possível observar, na citação anterior, como ainda na primeira metade dos anos noventa Silvia partilhava posições realistas e deterministas que caracterizavam alguns dos seus trabalhos da década anterior: o processo descrito por ela, com base no estudo de Ciampa, revela que pensa a identidade social como “metamorfose/cristalização do Eu decorrente das relações sociais vividas pelo sujeito”, e demanda, a partir dessa conclusão, que as instituições facilitem espaços “para o desempenho de



novos papéis menos rígidos que permitam a inovação da identidade”. Ou seja, há a concepção de uma relação tão direta, linear e determinante entre os papéis institucionalmente definidos e a identidade, que é preciso mudanças institucionais que definam novos papéis menos rígidos para que a identidade social mude. Nesse sentido, a pessoa como sujeito ativo e singular, portadora de um posicionamento gerador e não reprodutor, não aparece considerada naquele momento de sua obra.

Ao longo dos anos oitenta, Silvia Lane e eu tivemos vários encontros, e o centro de nosso debate era precisamente a pertinência ou não do conceito de personalidade numa perspectiva marxista e crítica da psicologia. Eu, naquele momento, num caminho contrário de Silvia, que tinha assumido Leontiev com muita força, seguia a tradição de L. I. Bozhovich – primeira autora soviética a marcar as diferenças entre Vygotsky e Leontiev e que desenvolvia um conceito ativo e gerador de personalidade, concebendo-a na base das alternativas que uma pessoa é capaz de desenvolver diante de suas condições sociais de existência (González Rey, 1982, 1985). Sobre sua definição de personalidade, desenvolvemos, naqueles anos, uma definição alternativa de sujeito (González Rey e Mitjans Martínez, 1989), num sentido diferente da definição de identidade social, defendida por Ciampa e fortemente apoiada por Silvia na época. Nossa definição dialética do sujeito diferenciava-se explicitamente da definição racionalista e intencional dominante naqueles anos na psicologia humanista norte-americana (González Rey e Valdes Casal, 1984).

Esse posicionamento crítico de Silvia sobre a personalidade aparece de forma explícita no seguinte trecho da autora:

Segundo Leontiev, a personalidade se constituiria das características peculiares ao indivíduo decorrentes das interações sociais, sendo, portanto, um processo contínuo. É nessa ênfase que está a semelhança entre Identidade e o que o autor denomina Personalidade. Julgamos que a substituição do termo evita os significados idealistas que esse conceito traz historicamente. (Ibid.)

O livro de Leontiev, referido por Lane na citação anterior, *Atividade, consciência e personalidade*, foi o último do autor, publicado em 1975 em idioma russo e entrou no Brasil, no final dessa década e princípios dos anos oitenta, na edição argentina de 1978. Embora Leontiev sempre

tenha sustentado um determinismo mecanicista da psique humana pelas operações com objetos desenvolvidas no marco da atividade, nessa última publicação, o autor pela primeira vez definiu seu conceito de *sentido pessoal*, não em termos da atividade concreta com objetos, mas como relação entre motivos, abrindo uma nova porta para o estudo da personalidade na psicologia soviética, que foi a base dos primeiros trabalhos sobre a personalidade no referencial da Teoria da Atividade de Leontiev (González Rey, 2011a, 2011b).

A importância de se escrever um diário da vida cotidiana é a possibilidade de manter anotações precisas sobre eventos significativos da história vivida. A questão é que nunca sabemos, quando somos jovens, os momentos nos quais estamos fazendo história sem que nos proponhamos a esse objetivo! Escrevo porque a minha memória me trai e não lembro se foi em 1986 ou 1987, em função de uma visita que fiz ao Brasil para promover o “I Encontro de Psicologia Marxista e Psicanálise”, que se realizou na Havana em 1987. Silvia me convidou para conversar com o seu grupo de alunos de doutorado na PUC de São Paulo sobre meus trabalhos relacionados ao estudo da personalidade em uma perspectiva marxista, resultando em uma excelente discussão, que acredito que a professora Sawaia, organizadora do presente livro, lembre ainda melhor do que eu. As discussões de Silvia comigo coincidiam, em grande parte, com as discussões que, naquele momento, eu mantinha com outros colegas daquele grupo mais envolvidos com a psicologia social crítica. Porém, meus posicionamentos sobre a personalidade eram valorizados pelo grupo todo, como se evidencia nos múltiplos convites para ministrar cursos sobre o tema, promovidos tanto por Salazar, como por Montero naqueles anos, além do convite para participar dos livros organizados por esse grupo (González Rey, 1987, 1993).

Esses anos representaram uma grande vitalidade intelectual na gestão de uma psicologia erigida por nosso próprio continente, quando tivemos a oportunidade de compartilhar congressos, simpósios e escritos conjuntos, que terminaram por contribuir em grande medida com a visibilidade do grupo no continente. No meu caso em particular, essas discussões me levaram ao campo da psicologia social com muita força, o que foi uma das influências importantes no meu trânsito de uma psicologia da personalidade para os estudos da subjetividade. Tal trânsito me levou a considerar a personalidade e a subjetividade social como

sistemas recursivos que se integram numa mesma definição ontológica, apoiada na emergência de processos simbólico-emocionais, que definem qualitativamente uma nova qualidade dos processos humanos: seu caráter subjetivo. Com a introdução do tema da subjetividade numa perspectiva cultural-histórica, as dicotomias social/individual e externo/interno tornam-se obsoletas, passando a ser um remanescente do velho esquema sujeito-objeto, no qual o psíquico ficava no sujeito e o material-objetivo no objeto. Essa foi a dicotomia dominante num materialismo mecanicista que tantas dificuldades gerou para o avanço de um pensamento dialético na psicologia.

Outro momento de encontro muito fecundo e produtivo com Silvia foi o Congresso Interamericano de Psicologia realizado em Havana em 1987, que se constituiu como um momento histórico no desenvolvimento da SIP (Sociedade Interamericana de Psicologia). A importância desse congresso se deu, sobretudo, pela força do movimento social crítico na psicologia latino-americana e pelo grupo diretor da SIP naquele momento, integrado por figuras muito progressistas politicamente, como Miguel Salazar, Guillermo Bernal, Ana Isabel Alvarez, entre outros. De modo geral, desse congresso em Havana participou a maior parte dos psicólogos do continente, que se organizavam de maneira informal em torno da realização de uma psicologia social crítica.

De modo geral, os caminhos dos anos oitenta com a entrada de Vygotsky entre os referentes sólidos de Silvia e seu grupo, o giro para os temas das emoções e da consciência, assim como as discussões metodológicas que se produziram no grupo liderado por Silvia naquele momento, criaram as bases para uma aproximação teórica entre nós ainda mais forte nos anos noventa.

### **Encontros e momentos compartilhados com Silvia Lane nos anos noventa**

Nos anos noventa, Silvia voltou a visitar Havana. Nessa visita, tivemos a oportunidade de conversar e compartilhar muitas ideias, tanto em relação à psicologia como em relação à política, temas que, a partir daquele momento, não abandonaram mais a nossa agenda dos encontros futuros. Na sociedade cubana, que tinha sido uma referência importante para o nosso grupo, avançavam contradições cada vez mais fortes,

o que implicava a crítica e a abertura para novas reflexões. Sensível para os problemas que Cuba enfrentava nessa época, Silvia e seu grupo se engajaram em grande medida nessas reflexões durante essa viagem. Já Martín Baró, sobre esse mesmo momento sensível para Cuba e com toda a sensibilidade política que o caracterizou, escreveu em relação ao meu capítulo no livro *Psicología política latino-americana*:

A posição de González Rey não constituiu uma forma atualizada das teorias sobre cultura e personalidade, dentre outras razões, porque não assume uma uniformidade cultural, senão que aceita os níveis de conflito próprios de toda sociedade dividida em classes e inclusive dá destaque às contradições no interior de um sistema socialista como o cubano. (Martín-Baró, 1987, p. 71)

Sawaia, cuja tese de doutorado em 1987, ao expressar a relevância dos temas da emoção e da consciência, marca um momento importante de giro no pensamento de Silvia e de seu grupo, torna-se a principal colaboradora de Silvia Lane nos anos noventa. Isso é evidenciado pelo fato de ter sido co-organizadora, com Silvia, do importante livro *Novas Veredas da Psicologia Social*, que representou o foco das mudanças teóricas da autora nessa década. Também, Lane e Sawaia publicam, em parceria, vários artigos de forte impacto nessa década (Lane e Sawaia, 1991, 1991a, 1995).

Em 2000, numa expressão que, em minha opinião, sintetiza o desenvolvimento do pensamento de Silvia na década anterior, ela escreveu:

Quando tive consciência disso [refere-se à dicotomia objetividade/subjetividade representada por Skinner e Kurt Lewin. Destaque de Sawaia, 2001], pensei que precisava encontrar uma superação. Mead colaborou muito, com suas reflexões, sobre o signo e o outro generalizado. Porém sem dúvida nenhuma é a dialética que possibilita a superação, pois, sem negar qualquer uma das duas dimensões, considera-as como uma unidade. (Lane, 2000, p. 5, apud Sawaia, 2001, pp. 52-53)

Sawaia, comentando a citação anterior de Lane, acrescenta:

A psicóloga-filósofa defendia que não basta situar o fenômeno psíquico historicamente e considerar a influência do social sobre sua configuração ou ainda estabelecer uma relação de interação entre homem e sociedade, para encontrar as respostas que procurava. O problema é mais profundo.

É preciso superar a lógica formal positivista e os pressupostos ontológicos e epistemológicos dela decorrentes que separam subjetividade de objetividade como entidades em si, para depois uni-los com hifens e colas gramaticais. E, o que é mais importante na sua opinião, é que é preciso recuperar o sujeito inteiro das mutilações que sofre nas diferentes teorias psicológicas. (Sawaia, 2001, p. 53)

Apesar do giro teórico que nos anos noventa se observa no pensamento de Silvia, precisamos ter em conta que os posicionamentos teóricos também têm histórias que emergem de forma indireta em novos momentos de criação. Nesse sentido, mesmo já com um conhecimento mais aprofundado sobre Vygotsky, Silvia orienta-se com força ao tema da afetividade e, com ele, à produção de conceitos que ela considerava importantes para superar a dicotomia entre o social e o individual – algo que tinha caracterizado sua própria obra em momentos anteriores. Sawaia destaca o conceito de “mediação da afetividade” como central nos trabalhos de Silvia nessa década, o qual, embora agregue poder simbólico para uma definição cultural-histórica na psicologia, em minha opinião, é um conceito que permanece apoiado em uma lógica sujeito-objeto, na qual o objeto ainda aparece como externo e privilegiado em relação ao sujeito. Essa lógica faz parte da orientação dominante de Vygotsky ao estudo das funções psíquicas, na qual a ideia de sistema ou de unidade se reduz à cognição.

Foi precisamente esse momento mais instrumental do pensamento de Vygotsky (entre os anos de 1928 e 1931), no qual ele se encontrava centrado na noção de mediação, que foi assumido de forma hegemônica pela psicologia norte-americana em função de suas semelhanças com o pragmatismo norte-americano (Bruner, 1985). O mesmo momento também foi assumido fortemente por Leontiev e seu grupo, pois a ênfase que, nesse momento de sua obra, Vygotsky coloca no externo e na compreensão das funções psíquicas como operações internalizadas representou o momento de maior afinidade entre suas posições e as defendidas por Leontiev.

Silvia, de forma explícita, destaca o trânsito da identidade como conceito central de seu arcabouço teórico para compreender a relação entre o social e o individual. Como analisamos antes, a forma como esse conceito foi compreendido por ela e por Ciampa nos anos oitenta apresentava os papéis sociais como determinantes da pessoa, ignorando o

caráter ativo e gerador do indivíduo. A recuperação do “sujeito inteiro”, à qual se referiu Sawaia ainda na primeira metade dos anos noventa, não encontrou um eco forte na obra de Silvia. Entretanto, a autora já expressa uma firme orientação ao desenvolvimento de conceitos psicológicos centrais para o desenvolvimento de uma nova compreensão do caráter social, histórico e cultural da psique humana. Sobre esse ponto, ela expressa: “Se antes substituimos a categoria Personalidade por Identidade, constituída historicamente no conjunto de relações sociais do indivíduo, agora tudo parece indicar que a Afetividade seja tão fundamental para o ser humano quanto a Consciência e a Atividade” (Lane, 1994, p. 59).

A tradução, nos anos oitenta, de novas obras de Vygotsky ao espanhol, sem dúvida, influenciou o pensamento de Silvia, que de forma muito aguda destaca algo que o pensamento ocidental demorou muito para perceber (González Rey, 2011a, 2011b):

O estudo das emoções não poderia deixar de nos levar à questão do inconsciente, que, dentro da postura teórica adotada, já fora tratada por Vygotsky na sua obra *The psychology of art* (1971), na qual faz uma crítica à noção freudiana, ao privilegiar a sexualidade na sua constituição, afirmando que a vida humana é rica de impulsos, emoções e necessidades, os quais poderiam igualmente constituir conteúdos inconscientes. (Lane, 1994, p. 59)

O destaque ao tema das emoções inevitavelmente leva a autora a ganhar consciência de que o tema das emoções e da afetividade, na forma como foram desenvolvidas por Vygotsky, são inseparáveis do reconhecimento de um sistema psicológico impossível de ser compreendido pelas influências sociais diretas às que se encontra constantemente submetido. Foi precisamente esta uma das ideias centrais que emergem no último momento da obra de Vygotsky (González Rey, 2011a, 2011b), através de seus conceitos de sentido, *perezhivanie* e da nova forma em que enfoca as emoções em seu artigo “Sobre a questão da psicologia do ator criativo”, escrito em 1932 e que só foi publicado em russo em 1984. Esses três conceitos representaram um importante giro na obra de Vygotsky, no sentido de reconhecer o caráter gerador do psiquismo humano. No desenvolvimento dessas três categorias, Vygotsky sai dos limites da relação instrumental da concepção de operação como

interna-externa e apresenta o caráter gerador da pessoa num contexto dialógico – algo profundamente ausente na psicologia soviética objetivo-instrumental (Matusov, 2011; González Rey, 1985, 2002, 2014).

Algo importante na trajetória científica de Silvia foi o seu diálogo com autores diferentes sem nenhum tipo de preconceito sectário. Nesse novo momento de sua obra, ela dialoga com Luiz Cláudio Figueiredo, autor que questionou se o inconsciente não seria também um produto histórico que surge em nossa sociedade a partir do momento em que se dá a cisão entre o homem público e o privado (Lane, 1994). Algo muito importante quando se reconhece uma linha de produção na ciência é a abertura ao diálogo com interlocutores diversos que tratam os temas que nos interessem sob perspectivas diferentes – o que Silvia nunca deixou de fazer e que, longe de debilitar seus posicionamentos, a fortaleceu.

Nessa década, a entrada do tema da afetividade e das emoções na obra de Silvia influencia diversas pesquisas nesse campo, em especial a desenvolvida por Camargo em relação às emoções no processo de aprendizagem – tema de sua tese de doutorado defendida em 1997. Juntas, elas escrevem um interessante capítulo sobre as emoções na obra de Vygotsky (Lane e Camargo, 1994). Nesse capítulo, as autoras são ousadas nas implicações de suas leituras sobre Vygotsky. O tema da motivação, central para a discussão sobre as emoções em Vygotsky, toma força nesse texto, e a reflexão sobre conceitos centrais do psiquismo humano, definidos para além de sua representação como um epifenômeno do social, também ganha força. De fato, ao longo dessa década, Silvia aproxima-se da ideia de Vygotsky sobre a necessidade de uma psicologia geral como área de desenvolvimento da teoria psicológica. Vygotsky nunca tentou anular a psicologia em prol de uma sociologia, e Silvia vai avançando no desenvolvimento da teoria psicológica nesse momento de sua vida.

Lane e Camargo afirmam:

Partindo de tais pressupostos, Vygotsky admite a existência de processos inconscientes, os quais se caracterizam por serem não verbais. Assim, se a linguagem constitui a mediação fundamental na formação da consciência, podemos assumir que as emoções não verbalizadas constituem o inconsciente. (Ibid., pp. 116-117)

O tema do inconsciente, historicamente um tabu no *mainstream* da psicologia cultural-histórica, é integrado por Lane e Camargo ao referente teórico em desenvolvimento pelo grupo naquele momento. A partir disso, a aproximação ao tema da personalidade foi cada vez maior, não no sentido individualista e intrapsíquico dado à categoria tradicionalmente, mas no sentido em que Vygotsky e uma vanguarda minoritária da psicologia soviética tinham dado ao termo, como Bozhovich, Miasichev, Rubinstein e Abuljanova.

Nos anos noventa, meus encontros com Silvia tornaram-se muito mais frequentes, pela minha chegada ao Brasil como professor visitante da Universidade de Brasília em 1995. Lembro-me que naquele mesmo ano ministrei uma palestra na PUC de São Paulo sobre “O sujeito e a subjetividade na psicologia cultural-histórica”, tema que nessa época resultava fortemente desafiante dentro dessa tradição e que gerou um excelente debate entre os presentes, a grande maioria membros do grupo de Silvia. O tema da subjetividade na forma em que eu o fundamentava numa perspectiva cultural-histórica tinha muitos pontos de contato com os interesses de Silvia e de seu grupo nesse momento. Nessa ocasião, depois da minha palestra, uma aluna de doutorado de Bader Sawaia, Suzana Molon, coordenou uma extensa entrevista comigo, que serviu de base para a tese que defendeu sobre o tema do sujeito e da subjetividade na obra de Vygotsky – tópico que não fazia parte da história de trabalho do grupo e sobre o qual não existiam referências no Brasil antes de minha conferência. Porém, essa tese não representou um giro no grupo dirigido por Silvia, sendo apenas o resultado de um impacto fugaz do tema, pois, depois desse trabalho, o tema da subjetividade somente foi explicitamente assumido por parte do grupo de Silvia, formado por Bock, Furtado e Junqueira, entre outros. A própria Suzana Molon, após editar sua tese como livro, não publicou nada novo sobre o assunto.

Ao longo desses anos, entre 1995 e 2000, a minha presença na PUC de São Paulo propiciada por Silvia e seu grupo foi bem frequente. Compartilhamos experiências em múltiplos seminários, mesas-redondas, simpósios, defesas de teses e de dissertações. Isso também nos aproximou muito no plano científico e profissional, pois nesses anos estávamos muito mais próximos que em décadas anteriores em relação aos nossos interesses teóricos e às nossas reflexões sobre o significado do marxismo para a psicologia.



## **Lane: questionamentos e novas ideias em seus últimos trabalhos**

Segundo Sawaia (2001), a quem devemos o esforço mais sério dentro da psicologia brasileira para desenvolver a história científica e profissional de Silvia Lane: “Silvia entra no novo milênio interessada em desvelar os segredos da criatividade humana. Emoção, arte, criação e imaginação são temas que passam a mediar sua ininterrupta atividade de pesquisa” (p. 61).

Eu diria, porém, que esses interesses referidos por Sawaia, embora apareçam em trabalhos publicados nos primeiros anos do novo milênio (2000, 2001), anos de publicação de seus últimos trabalhos, de fato foram produzidos na segunda parte dos anos noventa. Silvia entra no novo milênio fragilizada e relativamente isolada perante os diversos rumos tomados pelos seus discípulos e pela desapareição, de fato, do grupo que ela liderou durante três décadas.

A aproximação de Silvia em relação ao conceito de emoção da forma em que o tema foi tratado por Vygotsky, no primeiro e último momentos de sua obra, levou a autora a um reconhecimento crescente da criatividade e do posicionamento ativo. Nos múltiplos encontros que tivemos, na segunda metade dos anos noventa, senti que estávamos mais próximos do que nunca no plano teórico. Isso ficou claro no simpósio que compartilhamos no XXVII Congresso Interamericano de Psicologia, celebrado em Caracas em 1999, do qual também participaram Banchs, da Venezuela, Arruda e Cabruja, de Barcelona, e Odair Furtado<sup>1</sup>. O interesse de Silvia pelo tema da subjetividade naquele momento era claro, pois a subjetividade não representava uma definição antagônica à vida social, mas uma forma essencial de produção humana que permitia conhecer a forma em que uma realidade social se configurava subjetivamente nas pessoas e nos processos sociais dos quais elas eram unidades fundamentais.

---

1 As apresentações nesse simpósio aparecem no livro *Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais*, organizado por Odair Furtado e por mim, publicado em 2002.

No final teórico que Silvia coloca em sua contribuição ao livro, a partir de sua palestra naquele simpósio, ela diz:

A subjetividade é construída na relação dialética entre o indivíduo e a sociedade e suas instituições, ambas utilizam as mediações das emoções, da linguagem, dos grupos a fim de apresentar uma objetividade questionável, responsável por uma subjetividade na qual esses códigos substituem a realidade. Assim, objetividade/subjetividade como unidade dialética é mediada por uma estrutura denominada Subjetividade Social (González Rey, em referência de rodapé no original) a qual, através de códigos afetivos e linguísticos, garante a manutenção do *status quo*. (Lane, 2001, p. 17)

Na citação anterior, a autora, que está em seus últimos momentos de produção, introduz audaciosamente o tema da subjetividade, não como um reflexo ou um epifenômeno de uma realidade dada, mas como realidade cultural criada pelo homem, uma subjetividade, segundo palavras da autora, “na qual esses códigos substituem a realidade”, destacando o caráter simbólico-emocional que garante a manutenção do *status quo*. Com essa afirmação, ela vai além de uma objetividade ainda muito forte em alguns dos membros de seu grupo, compreendida como objetiva, externa e determinante da subjetividade. Como todos os grandes, nos últimos momentos de sua vida e carreira, é capaz de dar um passo tão potente, que seus próprios seguidores não tomaram, algo como o que aconteceu com Vygotsky nos últimos momentos de sua vida.

Para mim, foi muito estimulante ter sido convidado por ela e Yara Araujo para escrever um capítulo no livro que, de fato, foi o seu último. Senti, nesse gesto, que um caminho de reflexões e contradições, sempre atravessado pela amizade, era reconhecido num momento de aproximação produtiva, no qual a autora expressou suas últimas ideias.

### **Algumas reflexões finais**

O trabalho de Silvia Lane representou um sistema de pensamento em movimento, que, de forma estreita, apoiou-se na pesquisa de campo para a formulação dos seus novos momentos. O seu pensamento foi um sistema vivo que precisa continuar sendo desenvolvido em alguns dos pontos centrais em que foi interrompido pela fragilidade de sua saúde e pela sua morte. Algo que destaco no presente artigo, a título de

hipótese histórica, é a ênfase de Silvia, no último momento de sua obra, no desenvolvimento de conceitos psicológicos fortes que permitiram a compatibilidade entre a psicologia social e a psicologia geral – ideia enfatizada por Vygotsky para o desenvolvimento de uma teoria psicológica geral, passível de se expressar e de se desenvolver em todas as áreas da psicologia.

Destaca-se, no presente trabalho, a ideia da linha de pesquisa original desenvolvida pela autora. Para o desenvolvimento de uma linha de pesquisa, é preciso duas coisas magistralmente realizadas por Silvia: um núcleo teórico em processo, formado por conceitos e hipóteses inter-relacionados que servem de base para a realização de pesquisas empíricas; e, por sua vez, o desenvolvimento de pesquisas de campo que aumenta o valor heurístico das construções que sustentam essas linhas e que abrem novas oportunidades de inteligibilidade sobre novos problemas. Isso representou uma conquista desse grupo que deveria ser de modelo para a avaliação dos grupos de pesquisa no Brasil.

Em estreita afinidade ao que foi dito anteriormente, é preciso destacar o espírito de grupo que regia o funcionamento da equipe de Silvia, o que se expressou na ampla participação que a mestra deu a seus discípulos nas publicações do grupo. Infelizmente, posteriormente à morte da mestra, o grupo fragmentou-se em diversos tópicos e caminhos dispersos, o que é expresso pela ausência de fóruns e seminários para discutir os caminhos que o grupo tem inaugurado para confrontar suas reflexões atuais de cara para o futuro.

Silvia Lane foi uma autora de dimensões latino-americanas, cujo resgate não traz à tona é apenas uma figura, mas um movimento da psicologia brasileira que mais impacto tem tido fora do Brasil. Ainda que a definição de indicadores de impacto internacional na avaliação dos grupos de trabalho na psicologia brasileira esteja em seus primórdios, o desenvolvimento da tecnologia vai além dos que desejam perpetuar mitos locais. Indicadores de citações internacionais que permitem analisar a qualidade de quem cita e do trabalho onde o autor é citado já podem ser realizados. Silvia Lane foi amplamente citada na psicologia latino-americana por autores importantes, como Martín-Baró, Jiménez e Maritza Montero, e foi precisamente essa destacada presença na psicologia latino-americana o que a fez merecedora do Prêmio Interamericano de Psicologia em 2001.

## Referências

- Bruner, J. (1985). "Vygotsky: a historical and conceptual perspective". In: Wertsch, J. V. (Org.). *Culture, Communication and Cognition. Vygotskian perspectives*. Londres, Cambridge University Press.
- Codo, W. (1987). "Acción de los psicólogos en los sindicatos: trabajo, alienación y transformación social". In: Montero, M. (Org.). *Psicología Política Latinoamericana*. Caracas, Panapo Editorial.
- Furtado, O. e González Rey, F. (Orgs.) (2002). *Por uma Epistemologia da Subjetividade: um debate entre a teorias socio-histórica e a teoria das representações sociais*. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- González Rey, F. (1982). "Algunas cuestiones metodológicas sobre el estudio de la personalidad". In: \_\_\_\_\_. *Algunas cuestiones teóricas y metodológicas sobre el estudio de la personalidad*. La Habana, Editorial Pueblo y Educación, pp. 9-22.
- \_\_\_\_ (1985). *Psicología de la Personalidad*. Habana, Pueblo y Educación.
- \_\_\_\_ (1986). "La categoría personalidad en la obra de los psicólogos marxistas". In: Guedes, M. C. (Org.). *História da Psicologia*. São Paulo, Educ.
- \_\_\_\_ (1987). "Psicología, ideología y política. Um marco conceptual para sua análise en América Latina". In: Montero, M. (Org.). *Psicología Política Latinoamericana*. Caracas, Panapo Editorial.
- \_\_\_\_ (1993). "Personalidad, sujeto y psicología social". In: Montero, Maritza. (org.). *Construcción y Crítica de la Psicología Social*. Barcelona, Anthropos, pp. 149-176.
- \_\_\_\_ (2002). *Sujeito e subjetividade*. México, Thomson Learning.
- \_\_\_\_ (2003). *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. México/ São Paulo, Thomson.
- \_\_\_\_ (2011a). A Re-examination of Defining Moments in Vygotsky's work and their implications for his continuing legacy. *Mind, Culture and Activity*, v. 18, p. 257-275, jul.
- \_\_\_\_ (2011b). *El Pensamiento de Vygotsky: Contradicciones, desdoblamientos y desarrollo*. México/ São Paulo, Trillas/Hucytec (edição em português 2013).
- \_\_\_\_ (2014). Human motivation in question: discussing emotions, motives, and subjectivity from a cultural-historical standpoint. *Journal for the Theory of Social Behavior*.

- González Rey, F. e Mitjans Martínez, A. (1989). *La personalidad su educación y desarrollo*. Habana, Pueblo y Educación Editora.
- \_\_\_\_ e Valdes Casal, H. (1994). *Psicología Humanista. Actualidad y Desarrollo*. Habana, Editorial de Ciencias Sociales.
- Lane, S. (1994). “A medicação emocional na construção do psiquismo humano”. In: Lane, S. T.M. e Sawaia, B. B. (Orgs.). *Novas Veredas em Psicologia Social*. São Paulo: EDUC/ Editora Brasiliense, pp. 55-63.
- \_\_\_\_ (2000). “Os fundamentos teóricos”. In: *Arqueologia das Emoções*. Petrópolis, Vozes, pp. 13-33.
- \_\_\_\_ (2002). “A dialética da subjetividade versus objetividade”. In: Furtado, O. e González Rey, F. (Orgs.). *Por uma Epistemologia da Subjetividade: um debate entre a teorias socio-histórica e a teoria das representações sociais*. São Paulo, Casa do Psicólogo, pp. 11-18.
- \_\_\_\_ e Camargo, D. (1994). “Contribuição de Vygotsky para o estudo das emoções”. In: Lane, S. e Sawaia, B. B. (Orgs.). *Novas Veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Educ/Editora brasiliense, pp. 115-131.
- Lane, S. T. M.; Sawaia, B. B. (1991). Community Social Psychology in Brasil. *Applied Psychology: An International Review*, vol. 40, n. 2, pp. 119-42.
- \_\_\_\_ (1991a). “Psicologia: Ciência ou Política?”. In: Acción y Discurso, org. por Maritza Montero, Eduven, Venezuela.
- \_\_\_\_(orgs.) (1995). *Novas veredas da psicologia social*. São Paulo, Brasiliense/Educ.
- Martín-Baró, I. (1987). “Teoría y método de la psicología política latinoamericana”. In: Montero, M. (Org.). *Psicología Política Latinoamericana*. Caracas, Panapo Editorial.
- Matusov, E. (2011). Irreconcilable differences in Vygotsky’s and Bakhtin’s approaches to the social and individual: An educational perspective. *Culture & Psychology*, v. 17 n 1.
- Sawaia, B. B. (1987). *A consciência em construção no processo de construção da existência: uma análise psicossocial do processo da consciência de mulheres faveladas*. Tese em Psicologia Social. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- \_\_\_\_ (2001). *Silvia Lane*. V. 8. Rio de Janeiro/ Brasília, Imago Ed/ Conselho Federal de Psicologia. (Pioneiros da Psicologia Brasileira).